

**Interativa**

**Alfabetização e  
Letramento**

**Professora conteudista:** Adriana Padilha da Rosa

---

# Sumário

## Alfabetização e Letramento

### Unidade I

1 O PENSAMENTO DOS PRINCIPAIS REPRESENTANTES DO SOCIOCONSTRUTIVISMO .....	3
1.1 Perspectiva histórica .....	3
1.1.1 Leitura e escrita .....	6
1.1.2 Jean Piaget .....	7
1.1.3 Lev Semënovi Vygotskij.....	9
1.1.4 Emilia Ferreiro .....	12
1.2 Concepções que a criança possui e os níveis conceituais linguísticos .....	14
1.2.1 As fases da escrita infantil.....	14
1.2.2 Níveis conceituais linguísticos .....	15

### Unidade II

2 LER E ESCREVER É MUITO MAIS DO QUE SIMPLEMENTE CODIFICAR E DECODIFICAR TEXTOS .....	26
2.1 O fim das cartilhas em sala de aula.....	26
2.2 Comunicação e linguagem.....	41
2.3 Sondagem da escrita infantil .....	43
2.3.1 Ao desenhar, a criança escreve .....	45
2.3.2 Concepções que a criança adquire sobre os símbolos linguísticos antes da alfabetização.....	49
2.4 A linguagem escrita .....	52
2.4.1 Textos.....	53
2.4.2 Jogos de análise linguística .....	55
2.4.3 Letra cursiva e letra de fôrma.....	56
2.4.4 Ortografia e gramática .....	57
2.5 Avaliar o ensino e a aprendizagem do aluno .....	59
2.5.1 Avaliação normativa.....	59
2.5.2 Avaliação qualitativa.....	60
2.5.3 O papel do "erro" no processo educativo e na avaliação .....	60

### Unidade III

3 O QUE SE APRENDE NA ESCOLA: OS CONTEÚDOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO, NA ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	67
3.1 O mundo está cheio de coisas escritas: vamos vê-las!.....	67
3.2 Metodologias de alfabetização.....	68
3.2.1 Como um professor pode promover uma "boa atividade" na sala de aula? .....	69
3.2.2 Características de uma "boa atividade" .....	69

3.3 Proposta de alfabetização .....	74
3.3.1 Tipos de atividades.....	74
3.3.2 O trabalho com leitura .....	76
3.3.3 Estratégias de leitura.....	77
3.3.4 O trabalho com textos.....	78
3.4 A gramática na contramão .....	85
3.4.1 Algumas possibilidades para o trabalho com a produção de textos.....	85

# Unidade I

## INTRODUÇÃO

Esta disciplina caracteriza-se por ser prática e por mostrar casos vividos em sala de aula, além de comentários de professores no contexto educacional brasileiro.

Você participará de uma vivência que poderá possibilitar o resgate de conceitos aprendidos em sua infância e hoje utilizados como passaporte para o entendimento do pensamento infantil, além disso, assumirá responsabilidades e presenciará as emoções do processo de ensinar uma criança a ler e a escrever, utilizando o código com função social.

Este material apresentará a teoria que fundamentou o conceito de construtivismo, com seus aspectos metodológicos e as habilidades requeridas para o processo de aprendizagem do código escrito, além das descobertas da psicogênese da língua escrita efetuadas por Emilia Ferreiro, enfim, serão apresentados os diferentes enfoques no estudo da alfabetização. (Unidade 2) As conquistas das crianças de seis anos e o trabalho com a área do conhecimento. O conceito de Letramento e sua relação com o conceito de Alfabetização. Além de, (Unidade 3) uma breve explanação sobre os conteúdos trabalhados em Língua Portuguesa do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I.

Por agora, na Unidade 1, será apresentado o pensamento dos representantes do construtivismo, promovendo uma perspectiva histórica entre concepções que a criança possui e os níveis conceituais linguísticos.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Vale a pena ler *O menino que aprendeu a ver*, pois o livro irá encantá-lo em cada virada de página. É uma imperdível história de Ruth Rocha, que aborda aspectos pedagógicos relacionados à aprendizagem da leitura e da escrita infantil, material que serve de reflexão, quando você estiver diante de uma criança em situação de aprendizagem.

## Objetivos específicos

O objetivo específico desta unidade é que o aluno adquira conhecimento sobre como:

- elaborar, executar e avaliar planos de ação pedagógica que expressem o processo de planejamento desenvolvido na área do conhecimento;
- incorporar as ações pedagógicas à diversidade cultural;
- articular resultados de investigações com a prática, visando a ressignificá-la;
- desenvolver metodologias e materiais pedagógicos adequados às diferentes práticas educativas;
- analisar as recentes contribuições das teorias educacionais, para a aquisição da língua escrita.

## Resumindo

Existe diferença entre alfabetização e letramento?

Alfabetização na concepção de Emília Ferreira

Letramento na concepção de Magda Soares.

Aquisição de habilidades que possibilitam as práticas de leitura e escrita. Apropriação da tecnologia de codificar e decodificar. Capacidade de identificar as letras do alfabeto e associá-las aos fonemas, às sílabas e às palavras.

É a condição de quem não só lê e escreve, mas, exerce práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, articulando-as ou dissociando-as das práticas sociais de interação oral.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## 1 O PENSAMENTO DOS PRINCIPAIS REPRESENTANTES DO SOCIOCONSTRUTIVISMO

### 1.1 Perspectiva histórica

Nos últimos anos, as discussões sobre o conhecimento das crianças têm se multiplicado. As críticas da sociedade em relação ao que é ensinado na alfabetização das crianças faz-se presente, principalmente quando muitos jovens não conseguem se expressar por meio de um texto escrito ou entender uma escrita quando leem.

Algumas empresas têm dificuldade em seus processos seletivos por não encontrarem pessoas que apresentem habilidades de leitura e escrita. Muitos estudiosos, principalmente de outras áreas profissionais, têm criticado ou mesmo buscado culpados para a dificuldade do país, já que a 14ª economia do mundo está em 71º lugar em desempenho escolar, numa lista de 121 países, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).<sup>1</sup>

A Unesco aponta o Brasil como um dos doze países que concentram um grande número de pessoas com idade acima de quinze anos, ao todo 75%, que não sabem ler nem escrever e denuncia que o país tem 1,9% dos analfabetos do planeta. Responsabilizar somente uma nuance da realidade não significa estar perto da solução do problema ou de atingir a tão almejada qualidade de ensino. Portanto, é preciso lembrar que a educação é construída pela sociedade, em um contexto sociopolítico, econômico, histórico e cultural.

Nesse contexto, você aprenderá um pouco sobre a alfabetização com um recorte dessa realidade, os instrumentos reconhecidamente fundamentais para a inserção da criança na cultura letrada da sociedade. Alguns questionamentos induzem à reflexão sobre a realidade educacional da alfabetização dos brasileiros, sobre os conhecimentos que adquiriram e sua atuação

<sup>1</sup> Fonte: ANDES-SN, 14/11/2006.

# Unidade I

na sociedade, a forma como utilizam esses conhecimentos para reforçar o que existe ou transformar a educação de forma a proporcionar melhores condições de vida para todos.

Algumas crianças copiam textos com uma letra muito bonita, mas não conseguem ler o que escrevem. Outras leem, mas não conseguem escrever. Há, ainda, as que recitam letras de A a Z, mas não conseguem ler ou escrever, sem falar no nível de compreensão de um texto.

Será que ler e escrever são ajuntamentos de letras? É fazer a correspondência entre grafemas e fonemas? É fazer cópias ou descrever letras até memorizá-las? O que garante a alfabetização é a transmissão dos conteúdos escolares pelos professores? É o fato de os professores cobrarem os conteúdos dos alunos?

Muitos equívocos são cometidos nos anos iniciais da criança na escola. Um deles é pressupor que a aprendizagem se dá em tempo igual para todas as crianças. O fato de o professor ensinar, apresentar estratégias modernas, atividades recreativas de conteúdos, com certeza, não significa que o aluno aprenderá. O professor tem papel considerável na alfabetização, mas não é o único. A criança traz experiências, formas de pensar, hipóteses sobre a realidade. Não é uma pessoa vazia a esperar que coloquemos nossas impressões e pensamentos. O professor não pode parar de ser um pesquisador. Ele precisa estudar o seu aluno, buscar saber como a criança pensa e apreende os conhecimentos que sua realidade traz, para que possa atuar nesse contexto. Não há receitas prontas, fórmulas de sucesso a serem transplantadas em uma realidade multifacetada, rica e diversa da outra, com pessoas distintas e diferentes.

Aprender a ler e a escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita (ler). Porém, somente adquirir não é o suficiente,

Enfim, reponda você: O que é uma pessoa alfabetizada? Quando podemos dizer que uma pessoa está alfabetizada? Quais seriam as melhores práticas escolares para a alfabetização?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



é necessário se apropriar dela, fazer uso das práticas sociais de leitura e de escrita, articulando-as ou dissociando-as das práticas de interação oral, dependendo de cada situação vivida. Isso quer dizer que não basta uma criança ser alfabetizada, ela precisa se tornar letrada.

O conceito de letramento permite a identificação da concepção de língua que orienta as atividades da escola nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Não é possível considerar a língua só como instrumento de transmissão de mensagem – veículo de comunicação por meio do qual alguém que compreende diz ou escreve para quem deve compreender o que ouve ou vê.

A escola precisa considerar a língua como um processo de interação entre sujeitos construtores de sentidos e significados. Entender que os mesmos se constituem segundo as relações que um cada mantém com a língua, com o tema sobre o qual fala ou escreve, ouve ou vê, com seus conhecimentos prévios, atitudes e conceitos, segundo a situação específica em que interagem e o contexto social em que ocorre a tal comunicação.

Você, quando ensinar, precisará saber: Para quem é o seu discurso pedagógico? Ensinar: Quem? O que? Para quem? Onde?

Se você não responder a essas perguntas, considerando quem é o aprendiz, o que aprende, para que aprende, como aprende e onde está no momento em que aprende (contexto), provavelmente, você depare com a situação do balãozinho a seguir.

É preciso considerar a interação pedagógica, essa questão implica saber que a criança imagina, pensa e antecipa informações. Você precisa saber quem é a criança para quem você fala. Sentir e avaliar o que pensa a respeito dela. Entender

Letramento: capacidade de fazer uso adequado da leitura e da escrita socialmente utilizadas, conjugando-as com as práticas orais.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

– Como vai a escola?  
– Mais ou menos.  
– Por quê?  
– Eu já sei tudo o que a professora ensina.  
Então eu finjo que não sei, e ela pensa que me ensina e fica feliz.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

que imagens fazem parte do contexto estabelecido (professor e aluno).

## 1.1.1 Leitura e escrita

Cócco e Hailer (1996) descrevem a leitura e a escrita como instrumentos básicos de ingresso e participação do cidadão na sociedade letrada – portanto, exercem função social. São ferramentas facilitadoras da compreensão e realização da comunicação do homem na sociedade contemporânea. É a chave para a apropriação dos saberes conquistados pela humanidade.

Conforme declaração da Unesco, em 1958, uma pessoa sabia ler e escrever quando lia ou escrevia compreensivamente um pequeno enunciado relacionado à sua vida diária. Tempos depois, adotou outra definição, tendo-a como funcional; uma pessoa lia e escrevia quando o fazia o suficiente para inserir-se em seu meio e seu desempenho envolvia tarefas de leitura, escrita e cálculo.

Isabel Cristina Alves da Silva Frade (2003), mestre e doutora em educação pela UFMG, relata como a concepção do ensino das primeiras letras tem se modificado ao longo dos tempos. Ressalta que não é suficiente decifrar o código linguístico, mas é fundamental ter habilidades que possibilitam saberes envolvidos no ler e escrever, além de participar dos benefícios envolvidos na cultura escrita, construir atitudes e representações dessa participação.

A autora relaciona a escola como representante da cultura escrita e, portanto, constitui-se agente de letramento. A alfabetização, na visão do construtivismo, é vista como um processo de construção contínua de conceitos que tem início muito antes de a criança ser escolarizada.

É necessário ter claros as características do sistema de escrita e o uso funcional da linguagem.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### Pense um pouco

O(a) alfabetizador(a):

- Conhece como a criança aprende a ler e a escrever?
- Precisa trabalhar com elevada quantidade de conteúdo para alfabetizar seus alunos?
- Considera a cartilha indispensável para a aprendizagem da leitura e da escrita de nossas crianças?
- Concebe a leitura como decodificação e a escrita como cópia?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Alguns pesquisadores e estudiosos ajudaram a compreender não só como a criança pensa, mas como o seu pensamento se desenvolve na aprendizagem da leitura e da escrita.

Agora você irá conhecer um pouquinho de cada um.

## 1.1.2 Jean Piaget

Jean Piaget nasceu em Neuchâtel, Suíça, em 1896. Começou os seus estudos em uma época em que Deus era identificado com a vida e a biologia, tida como a ciência da vida. Sendo assim, esta era a ciência que explicaria todas as coisas. Estudou biologia, psicologia, filosofia, áreas que lhe deram o suporte necessário para a formulação de sua teoria: a epistemologia genética. Seu problema de pesquisa, o qual fundamentou sua tese era: Quando uma criança passa de um estágio menor de conhecimento para um estágio maior de conhecimento? Ou seja, quando ela avança no conhecimento? Para buscar as respostas, propôs uma perspectiva construtivista: o sujeito aprende por meio da ação. Tudo passa a girar em torno da equibração – conceito-chave de sua teoria, pois o ser humano busca constantemente o equilíbrio em sua vida –, por meio de dois fatores básicos: assimilação (aceitar a novidade) e acomodação (transformar a informação em conhecimento).

A preocupação de Jean Piaget foi explicar como a criança pensava e interagia com o mundo, com as pessoas, para adquirir conhecimento. Definiu que o conhecimento é construído a partir da interação do sujeito com o objeto de aprendizagem.

Ele ensinou a observar a maneira como a criança adquire o conhecimento, para que seja possível entender o conhecimento humano.

## Unidade I

Seus estudos da psicologia do desenvolvimento e a epistemologia genética tinham o objetivo de entender como o conhecimento evolui.

Piaget formulou uma teoria: o conhecimento evolui progressivamente por meio de estruturas de raciocínio que se superpõem, estágios.

Portanto, é preciso entender que a lógica e a forma de pensar da criança são completamente diferentes da lógica de um adulto.

Jean Piaget identifica quatro estágios da evolução mental da criança. Cada estágio marca um período em que o pensamento e o comportamento infantil são caracterizados por uma forma de raciocínio.

As autoras Telma Weisz e Ana Sanches reafirmam a contribuição de Piaget para a mudança de concepção e de olhar sobre a aprendizagem, existentes até a sua época (1999, p. 33). Até o início do século XX, acreditava-se que as crianças eram miniadultos e que somente depois que crescessem é que chegariam ao nível dos adultos, considerados superiores mentalmente. Acreditava-se também que seus processos cognitivos eram iguais aos do adulto, mas em proporção menor por serem pequenas.

Piaget concluiu, por meio de suas pesquisas, que as crianças pensavam muito diferente dos adultos, que o que faltava para elas eram certas habilidades. Sua contribuição foi explicar a maneira como a criança interage com o mundo e com as pessoas para chegar ao conhecimento. É, portanto, a interação do sujeito com o objeto de aprendizagem que produz o conhecimento.

Antes de passar para o próximo autor, é importante lembrar que assim nasce a concepção da teoria epistemológica: o

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**construtivismo**, que estuda a gênese do conhecimento infantil.

## 1.1.3 Lev Semënovi Vygotskij

Lev S. Vygotsky nasceu em 1896, graduou-se em Literatura pela Universidade de Moscou. Foi professor, pesquisador e palestrante de literatura, pedagogia e psicologia. Ele era contemporâneo de Piaget, e viveu na Rússia até os 37 anos de idade, quando faleceu de tuberculose.

Suas pesquisas apontaram para o papel da linguagem e da aprendizagem no desenvolvimento do indivíduo, cujo pensamento se constrói em um ambiente histórico-cultural.

Para Vygotsky (1984, p. 127), a relação do homem com o mundo não é direta, mas mediada. O professor é um mediador entre o aluno e o conhecimento.

Ele investigou o desenvolvimento das capacidades intelectuais superiores do homem e identificou a linguagem como o principal fator do crescimento.

Definia a linguagem como um conjunto de símbolos que mantinha seu caráter histórico e social.

Simpatizante da Revolução russa acreditava na possibilidade de uma sociedade mais justa e sem conflito social ou exploração.

Sua teoria embasava-se no desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico. E enfatizava o papel da linguagem no desenvolvimento, portanto sua **tese** foi considerada histórico-social.

Vygotsky enfatizava o papel da formação escolar, quando a criança, segundo ele, recebe informações socialmente

construídas (experiências passadas) e transforma as situações do presente ou adquire consciência.

Seu pensamento era que, se uma transformação social pode alterar o funcionamento cognitivo, ela pode reduzir o preconceito e os conflitos sociais. Os processos psicológicos são de natureza social, portanto precisam ser analisados e trabalhados por meio de ações socialmente elaboradas.

O sustentáculo da concepção de Vigotsky está no conceito de mediação, que é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, que passa de direta (sujeito x objeto) para indireta (sujeito x mediador x objeto) (Rosa, 2003, p. 20).

No contexto escolar, tais ideias modificaram a perspectiva relacional entre professor e aluno.

Nessa concepção, também defendida por Marta Koll de Oliveira (1993), a relação adulto-criança não é binária, não envolve somente aluno-professor. Não existe domínio de um sobre o outro, pois muitas "coisas" (informações) circulam nesse espaço relacional. A socialização, troca de significados aprendidos e transformados, dialoga construindo saberes e dizeres. A intersubjetividade, simpatia e oposição, gerada pelos conflitos se transformam em relações que mudam o paradigma da situação: professor-aluno.

Não se nega as reações biológicas (defendidas por Piaget), mas entende-se que a redução destas é uma condição para os eventos psicológicos defendidos por Vygotsky no conceito da percepção:

A criança no início de sua vida tem apenas sensações orgânicas – tensão, dor, calor –, principalmente nas áreas mais sensíveis. Quando a criança deixa de sofrer influência desses processos biológicos, passa a perceber a realidade. A percepção da realidade

---

---

---

---

---

---

Você consegue perceber que Vigotsky interfere no conceito de alfabetizar? E, ainda, entra aqui a concepção de letramento, mais tarde muito defendida por autores como Magda Soares, por exemplo, que produz um livro didático para esse contexto.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

requer processos biológicos como determinantes de experiência, permitindo que seu organismo passe a ser afetado por fatores externos. Evidentemente, só a realidade dos fatores externos não determina completamente essa percepção. A informação de que esses processos biológicos tornam-se disponíveis no organismo é organizada pela própria criança por meio de experiência social e cultural. A criança passa a ver o mundo com sua própria visão, administrando sob seu ponto de vista (Vygotsky, 1984, p. 78).

Um conhecimento só se solidifica quando resulta em um instrumento de pensamento. A criança avança na aquisição de conceitos quando domina o abstrato e combina-o com um pensamento mais complexo. Com o passar do tempo, os conceitos tornam-se concretos e somam-se às habilidades adquiridas socialmente. Para ele, método é algo para ser praticado e não aplicado como o fim que justifica os meios, ou seja, não é ferramenta no alcance de resultados. Ferramenta e resultados se integram, ou se misturam e se somam, na aprendizagem.

Vygotsky elaborou o conceito de "zona de desenvolvimento proximal" (distância entre o nível real – solução independente de problema – e o nível de desenvolvimento potencial – determinado por meio da solução de problema com a intervenção de alguém com mais experiência). Sua problemática era: quando o ser humano deixa de ser apenas biológico para se tornar sócio-histórico?

Acredita-se que para o bem da evolução educacional dessas propostas, o ideal é não diferenciá-las, nem privilegiar uma ou outra em função dos dois teóricos (Piaget e Vygotsky). Bom seria entender que cada um deles se aprofundou em aspectos específicos do desenvolvimento humano.

Piaget dedicou seus estudos na pesquisa do sujeito cognoscente, e Vygotsky estudou o sujeito social (histórico).

Hoje se fala muito em propostas pedagógicas que sejam capazes de ver a criança como ser integral, global. Assim, não se pode negar que ambos trazem contribuições para a criança **biopsicossocial**, ou seja, a criança real.

## 1.1.4 Emilia Ferreiro

Ainda na linha de pensamento dos autores representantes do construtivismo, temos o nome de maior influência na reformulação metodológica da educação brasileira: Emilia Ferreiro.

**Emilia Ferreiro** é psicóloga e pesquisadora. Nasceu na Argentina, em 1942, e é radicada no México. Fez seu doutorado na Universidade de Genebra e recebeu orientação de Jean Piaget, seu grande mestre. Professora na Universidade de Buenos Aires, em 1974 começou os trabalhos que mais tarde deram origem à sua tese: psicogênese da língua escrita, grande marco na transformação do conceito de aprendizagem da escrita pela criança.

Ela foi uma referência no Brasil, e seu nome ficou ligado ao conceito do construtivismo. Sua influência atingiu as normas governamentais para a alfabetização, incorporadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A maneira desordenada como essas ideias foram introduzidas, no entanto, caracterizou a falta de fundamentação teórico-epistemológica, causando confusões teórico-práticas, das quais só nos dias de hoje o professor tem conhecimento.

O construtivismo foi interpretado como condenatório a tudo o que era habitual na escola até então, as práticas tradicionais de entender a alfabetização.

Você se lembra dos estudos de Piaget? Se julgar importante, pare aqui e releia o item sobre Piaget!



As obras de Ferreiro (1984, 1985) causaram uma revolução na maneira de alfabetizar, demonstrando a evolução da psicogênese da escrita infantil, ou seja, ela construiu um pensamento para a interpretação da evolução da escrita infantil. Tal pensamento não é uma metodologia, como muitos acreditavam, e sim um olhar para o erro construtivo da criança, que começa a entender que uma porção de marquinhas no papel é chamada no mundo adulto de escrita e que isso é parte de um código: "língua escrita".

O termo **psicogênese**, cujo significado precisa ser lembrado no desmembramento da palavra (*psico* = **psicológico** e *gênese* = **nascimento**) deveria ter a seguinte interpretação: como nasce na criança o interesse pela escrita? Como seu pensamento evolui a cada conquista? Ela pensa para escrever? Levanta hipóteses? Quais seriam essas hipóteses?

O ponto forte da caminhada construtivista foi a obra *Reflexões sobre a alfabetização* (1984).

As concepções piagetianas traziam severas críticas aos métodos tradicionais (cartilhas), fato que gerou muito tumulto na escola brasileira.

Ferreiro disse que a escola prestava atenção no aspecto gráfico da escrita, ignorando aspectos construtivos, era mais importante ter letra bonita do que interpretar a escrita.

O que deveria interessar seria, na sua visão, o que a criança quis representar, os meios utilizados para a representação e as diferenças entre uma primeira e uma segunda tentativa, a evolução de cada passo na rotina de escrita escolar.

Os processos de construção e aprendizagem das crianças levaram a conclusões que abalaram os métodos tradicionais de ensino da leitura e da escrita.

A trajetória da alfabetização pode ser dividida em antes e depois de Emilia Ferreiro, ela se tornou modelo no ensino brasileiro, fundamentada pelas descobertas do biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) na investigação dos processos de aquisição e elaboração de conhecimento pela criança – ou seja, o modo pelo qual ela aprende.

As pesquisas concentram-se nos mecanismos cognitivos relacionados à leitura e à escrita.

De maneira equivocada, muitos consideram o construtivismo um método, ou seja, não entenderam que a escola deveria dar oportunidade para a criança aprender.

Ela vive em mundo letrado, está submersa em um processo de letramento muito forte e se vê continuamente envolvida e observadora desse mundo letrado.

## 1.2 Concepções que a criança possui e os níveis conceituais linguísticos

### 1.2.1 As fases da escrita infantil

Emília Ferreiro realizou pesquisas científicas que deixaram nítida a trajetória de pensamento da criança quando constrói o código linguístico, o que a escrita representa e como se estrutura.

A partir das investigações, a educação começou a tomar novos rumos, ao perceber o processo de conhecimento infantil e, especificamente a escola, ao entender a reconstrução do processo de alfabetização.

Consciente de sua função a escola pode realizar um trabalho pedagógico enfatizando a construção da linguagem (gesto, som, imagem fala e escrita).

## 1.2.2 Níveis conceituais linguísticos

Se perguntarmos ao adulto sobre de que forma as crianças adquirem a aprendizagem da leitura e da escrita, vários responderão que é pelo ajuntamento das sílabas até formar as palavras.

Ainda não conseguem entender por que algumas crianças aprendem e outras não, e permanecem na aprendizagem da cartilha.

Emília Ferreiro, quando estudou as concepções que as crianças apresentam sobre a escrita, demonstrou estas etapas, chamadas de fases ou níveis de desenvolvimento na construção do pensamento em relação à linguagem escrita:

Ela estruturou em cinco os níveis conceituais:

**Nível 1** Pré-silábico – fase pictórica, gráfica primitiva e pré-silábica

**Nível 2** Intermediário I

**Nível 3** Silábico

**Nível 4** Intermediário II ou silábico-alfabético

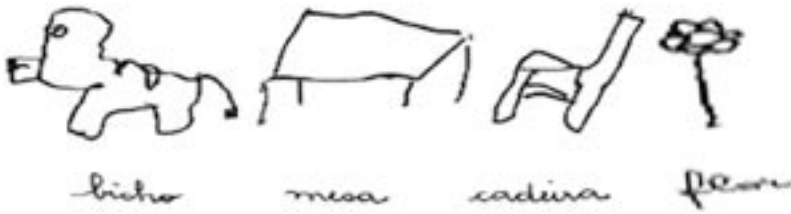
**Nível 5** Alfabético

Vejamos, resumidamente, um pouquinho sobre cada nível.

### Nível 1 – Pré-silábico

**Fase pictórica:** é o registro feito pela criança com garatujas, desenhos sem figuração e, mais tarde, desenhos com figuração.

Inicia-se aos dois anos de idade se a criança vive em um ambiente urbano que a estimula desde cedo ao uso de caneta ou lápis e papel.



Fonte: Cocco et al., 1996.

**Fase gráfica primitiva:** a criança mistura símbolos, pseudoletas, com letras e números com letras em seus desenhos.

Costuma representar o que conhece do meio e o representa desenhando bolinhas, riscos e pedaços de letras.

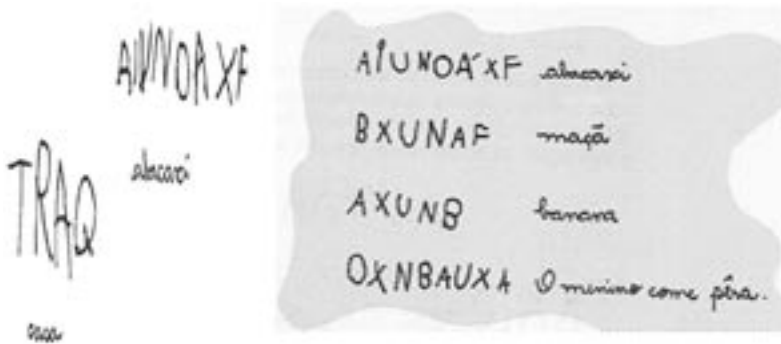


Fonte: Cocco et al., 1996.

**Fase pré-silábica:** a criança começa a diferenciar as letras dos números, os desenhos dos símbolos e reconhece o papel da letra na escrita.

Sabe que as letras servem para escrever, mas não sabe como ocorre, ainda. Não associa o fonema com o grafema.

A criança acredita que a ordem das letras e as vogais não têm importância.

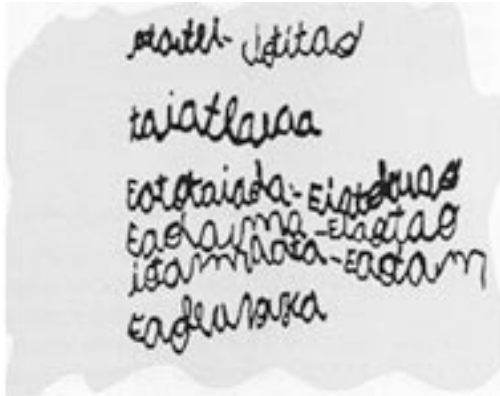


Fonte: Cocco et al., 1996.

## Nível 2 – Intermediário I

Essa fase é a de conflitos, em que a criança não tem resposta para alguns questionamentos e diz que "não sabe escrever".

Apresenta e usa alguns valores sonoros convencionais como, por exemplo, diz que seu nome começa com determinada letra e a conhece pelo som, mas não sabe onde fica na palavra que escreve.



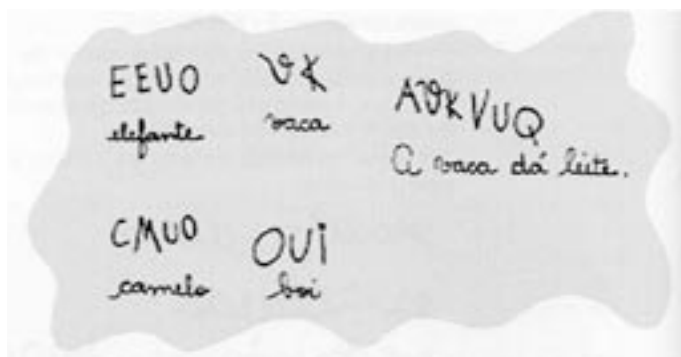
Fonte: Cocco et al., 1996.

## Nível 3 – Silábico

A criança conta os "pedaços sonoros" (sílabas) e os associa com um símbolo (letra).

Essa associação pode acontecer com ou sem valor sonoro convencional. Aceita palavras monossílabas, palavras com uma ou duas letras com certa hesitação.

Escreve uma frase utilizando uma letra para cada palavra.



Fonte: Cocco et al., 1996.

## Nível 4 – Intermediário II ou silábico-alfabético

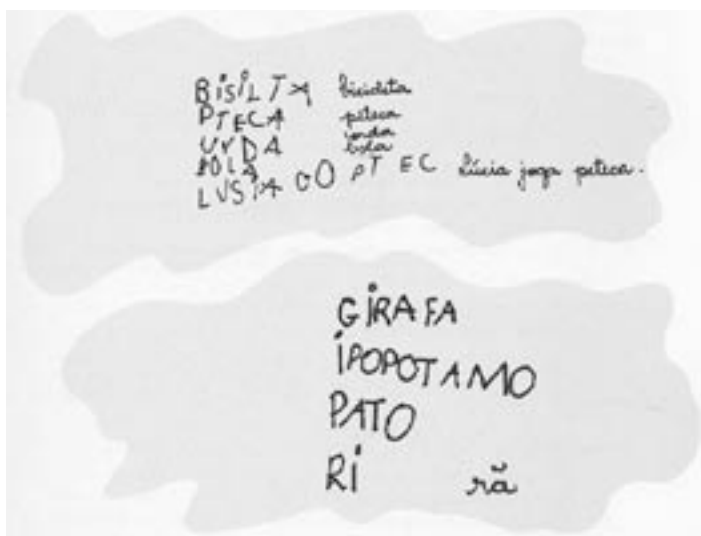
É mais um momento de conflito entre uma fase e outra, em que a criança precisa desconsiderar o nível silábico para pensar segundo o nível alfabético.

Nessa fase, o professor deve instigar a criança no sentido de reflexão sobre o sistema linguístico pela observação da escrita alfabética.

## Nível 5 – Alfabético

Quando a criança chega nessa fase, já reconstrói o sistema linguístico e compreende como ele funciona, consegue ler e expressar seus pensamentos e falas. Forma sílabas e palavras juntando as letras e consegue distinguir letra, sílaba, palavra e frase.

Pode acontecer de a criança dividir a frase não gramaticalmente, e sim conforme o ritmo frasal.



Fonte: Cocco et al., 1996.

A alfabetização exige conhecimento, habilidade e competência para dar condições à criança de construir seus conhecimentos.

O professor não pode somente fazer a transmissão do alfabeto, da junção de letras e palavras, sem preocupar-se com a função da escrita, sem possibilitar o uso da linguagem escrita pela criança.

As teorias pedagógicas, as investigações e as pesquisas científicas dão suporte ao professor no planejamento e na atuação em sala de aula, quando o ajudam a conhecer as crianças, como pensam e suas hipóteses na tentativa de resolver seus conflitos.

Com o conhecimento científico na área educacional, o professor tem condições de elaborar aulas de forma a chamar a atenção do aluno, com propostas significativas, com jogos e atividades que instiguem o aluno a pensar e a reformular suas hipóteses.

Não podemos ignorar o papel do professor em ser o mediador e o organizador da ação educativa, da construção e reconstrução dos conhecimentos de seus alunos em sala de aula.

Além desses pensadores, nas últimas duas décadas, outro termo tem gerando incôstância na prática pedagógica quando o assunto é alfabetização.

O chamado **letramento**, como você viu no início desta unidade de estudo, já definido como possibilidades sociais de uso da escrita, como sistema simbólico, em contextos específicos. A vivência escolar, quando utilizada como parâmetro de prática social segundo a qual as crianças se alfabetizam, desenvolve nestas habilidades para utilizar o conhecimento sobre a escrita.

O quadro a seguir tem a finalidade de estabelecer relação entre os teóricos e a concepção de alfabetização abordada no presente material.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Você saberá mais sobre esse conceito na Unidade II.

Teóricos	Concepções linguísticas – Alfabetização
Jean Piaget	Recomendou que o adulto adotasse uma postura diferente ao lidar com criança. Ele modificou a teoria pedagógica tradicional, que, até então, afirmava que a mente de uma criança era vazia, aguardando ser preenchida por conhecimento. Na visão de Piaget, as crianças são as próprias construtoras ativas do conhecimento, constantemente criando e testando suas teorias sobre o que aprendem. Forneceu uma percepção sobre a criança que serve como base atualmente.
L. S. Vigotsky	Afirmou que a linguagem é elemento mediador entre o objeto do conhecimento e a criança, que esta consegue resolver problemas sozinha, mas, em alguns momentos, precisa de ajuda do adulto para elaborar seus conceitos. É por meio do processo de internalização que acontece a construção interna de uma operação externa, responsável pelas representações mentais que substituem objetos do mundo real. Quando a criança explora uma bola e compartilha o significado do objeto <b>bola</b> , ela usará a palavra se em sua cultura se referir ao objeto.
Emília Ferreira	Mostrou que ler e escrever envolve um processo contínuo de construção e reconstrução do código linguístico usado pelo adulto. Organizou as concepções da criança sobre a linguagem, mostrando que ela observa, estabelece relações, organiza, interioriza conceitos, duvida deles, reelabora-os até chegar ao código alfabético do adulto. Da mesma forma que o ser humano tem fases de vida (nasce, passa pela infância, adolescência, chega à idade adulta), a criança tem fases de desenvolvimento quanto à construção do pensamento da linguagem escrita (níveis linguísticos).

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Resumindo	
Construtivismo e alfabetização	Descobertas infantis
<b>Piaget</b> Partiu de uma concepção de desenvolvimento que envolve processos de contínuas trocas entre o indivíduo e o ambiente.	A criança interage com o objeto para construir o código linguístico.
<b>Vygotsky</b> Defende a ideia entre as condições sociais e a base biológica do comportamento humano.	A fala antecede a escrita, funciona como um elemento mediador.
<b>Ferreiro</b> Para que alguém aprenda é preciso: motivo + ação = motivação.	A ação da criança sobre a escrita tem uma lógica diferente da lógica do adulto.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---





Para todas as crianças, é possível ler tanto no desenho como no texto. O texto é predizível a partir da imagem e se orienta na relação entre símbolo escrito e objeto desenhado (unidade indissociável).

Segundo a classificação das respostas (das crianças), o texto e o desenho estão indiferenciados.

Quando perguntado à criança: "Onde há algo para ler?", ela assinala tanto o desenho como o texto.

Na interpretação dos fragmentos de um texto, a separação entre palavras da nossa escrita apresentou dois problemas diferentes, mas vinculados entre si:

- possibilidade de a criança trabalhar com um texto escrito; enunciado verbal do adulto.
- na escrita, além das letras e sinais de pontuação, usa-se outro elemento gráfico: o espaço em branco entre grupos de letras (palavras) e, na locução, separam elementos de carácter abstrato.

Metodologia utilizada nos estudos:

1. Escrever diante da criança, sem espaçamento.
2. Ler e discutir.

**Oração:**

**OURSOCOMEMEL**

**(em letras de imprensa e cursiva).**

No exemplo anterior, a criança das pesquisas de Emília Ferreiro, chamada Alejandra, respondeu a perguntas específicas.

Importante ressaltar que Alejandra não reconheceu o artigo.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Do ponto de vista da criança, o conflito se deu em: **precisa ou não precisa separar?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

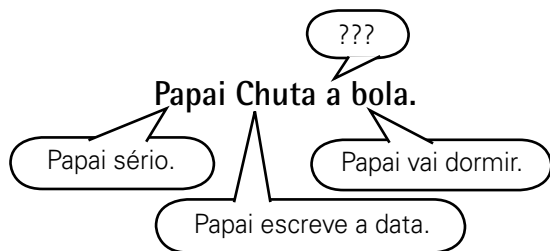
---

---

Como você pode ver no quadro abaixo, um exemplo de outra criança também de interpretação da pesquisa de Ferreiro:

## Orações no fragmento do texto

No exemplo de Ximena\*, suas orações, referentes ao texto, eram congruentes à primeira.



Na explicação de Ximena surge uma oração para cada fragmento da escrita.

(da direita para a esquerda)

\*FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

Vale a pena ler o livro *Se a criança governasse o mundo*, de Marcelo Xavier, pela editora Formato/Saraiva.

## Exercícios

Pesquise e relacione dois livros adequados à fase de alfabetização. Tente estruturar uma justificativa para a sua resposta.

Resposta: Você deve reler a **Unidade I**, buscando interpretar os estudos dos três teóricos abordados e relacioná-los com os livros sugeridos. Pode começar com os dois livros indicados nesta unidade.

Faça uma pesquisa sobre a história da cartilha. Como surgiu e qual era a sua função?

Resposta: Você irá descobrir ao estudar a Unidade II, no item 2.1, O fim das cartilhas.

### Lembre-se!

Há escolas que adotam uma postura construtivista, que apresentam estratégias para a formulação de problemas ou de situações de investigação sobre a escrita, e outras que se apoiam no aprendizado sistemático da escrita, com o uso de metodologias guiadas por ações do adulto.